

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 [gesepe.ufma](https://www.instagram.com/gesepe.ufma)

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



O CORPO QUE PESQUISA: notas (auto)biográficas sobre tornar-se pesquisadora em contextos de desigualdade

Luciana Rodrigues Leite de Souza¹

Resumo: Este trabalho apresenta notas (auto)biográficas produzidas a partir de minha experiência no processo de tornar-me pesquisadora, com o objetivo de refletir sobre os atravessamentos de gênero, classe, maternidade e regionalidade que permearam/permeiam a constituição de minha identidade docente-pesquisadora. Situado no campo da educação e dos estudos de gênero, parto da compreensão de corpo como território biográfico, político e epistêmico, enquanto a universidade se constitui como espaço marcado por disputas, precarizações e desigualdades que incidem de modo diferenciado sobre os corpos femininos. Este ensaio autobiográfico, de natureza teórico-reflexiva, está ancorado nas epistemologias feministas e decoloniais, e recorre à interseccionalidade como ferramenta analítica. A escrita de si é assumida como gesto político e metodológico, ao passo que tensiona os modelos hegemônicos de produção do conhecimento, historicamente fundados na neutralidade, objetividade abstrata e no apagamento das experiências situadas. Ao todo, foram tecidas seis notas (auto)biográficas, que permearam temas como o ingresso na universidade, aproximação com a pesquisa, interrupções impostas pelas condições materiais, retorno aos estudos, docência no ensino superior, maternidade e doutorado. Ao narrar essas experiências acadêmicas imbricadas em exigências produtivistas, sentimentos de não pertencimento e estratégias de permanência no campo científico, o texto evidencia como as estruturas institucionais da universidade participam da produção de precariedades e assimetrias na formação científica de mulheres. O estudo contribui, assim, para a ampliação dos debates sobre gênero e educação, ao reivindicar uma universidade mais plural, sensível às diferenças, comprometida com a garantia de direitos e com a valorização das trajetórias de mulheres na ciência.

Palavras-chave: Feminismo. Pesquisa (auto)biográfica. Interseccionalidade. Epistemologia.

¹ Professora do curso de Licenciatura em Química, pela Universidade Estadual do Ceará campus da Faculdade de Educação e Ciências Integradas de Crateús. Desenvolve pesquisas no campo da formação de professores, com ênfase nas relações entre gênero, trajetória acadêmica e produção do conhecimento, mobilizando a abordagem (auto)biográfica como perspectiva teórico-metodológica. luciana.leite@uece.br

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 [gesepe.ufma](https://www.instagram.com/gesepe.ufma)

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



THE RESEARCHING BODY: (auto)biographical notes on becoming a researcher in contexts of inequality

Abstract: This paper presents (auto)biographical notes produced from the experience of becoming a researcher, aiming to reflect on the intersections of gender, class, motherhood, and regionality that permeated the constitution of a teacher-researcher identity. Situated within the field of Education and Gender Studies, the study understands the body as a biographical, political, and epistemic territory, while the university is viewed as a space marked by disputes, precarity, and inequalities that impact female bodies in distinct ways. This theoretical-reflexive autobiographical essay is anchored in feminist and decolonial epistemologies, utilizing intersectionality as an analytical tool. Writing about oneself is embraced as a political and methodological gesture, challenging hegemonic models of knowledge production historically founded on neutrality, abstract objectivity, and the erasure of situated experiences. Six (auto)biographical notes were woven, covering themes such as university admission, the approach to research, interruptions imposed by material conditions, the return to studies, higher education teaching, motherhood, and the doctorate. By narrating these academic experiences intertwined with productivist demands, feelings of non-belonging, and strategies for permanence in the scientific field, the text highlights how institutional structures participate in the production of precarity and asymmetries in women's scientific training. The study contributes to broadening debates on gender and education by advocating for a more plural university, sensitive to differences, and committed to guaranteeing rights and valuing women's trajectories in science.

Keywords: Feminism. (Auto)biographical research. Intersectionality. Epistemology.

EL CUERPO QUE INVESTIGA: Notas (auto)biográficas sobre transformarse en investigadora en contextos de desigualdade

Resumen: Este trabajo presenta notas (auto)biográficas, producto de mi experiencia en el proceso de transformarme en investigadora, con el objetivo de reflexionar sobre las intersecciones de género, clase, maternidad y regionalidad que permearon/permean la constitución de mi identidad docente-investigadora. Situada en el campo de la educación y los estudios de género, parto de la comprensión del cuerpo como territorio biográfico, político y epistémico, mientras que la universidad se constituye como un espacio marcado por disputas, precariedades y desigualdades que afectan de manera diferenciada a los cuerpos femeninos. Este ensayo autobiográfico, de carácter teórico-reflexivo, se fundamenta en epistemologías feministas y descoloniales, y utiliza la interseccionalidad

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 [gesepe.ufma](https://www.instagram.com/gesepe.ufma)

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



como herramienta analítica. Escribir sobre uno mismo se assume como un gesto político y metodológico, al tiempo que coloca en tensión los modelos hegemónicos de producción de conocimiento históricamente fundados en la neutralidad, la objetividad abstracta y la supresión de las experiencias situadas. En total, se tejieron seis notas (auto)biográficas que abarcan temas como el ingreso a la universidad, el abordaje de la investigación, las interrupciones impuestas por las condiciones materiales, el retorno a los estudios, la enseñanza superior, la maternidad y el doctorado. Al narrar estas experiencias académicas entrelazadas con demandas productivistas, sentimientos de no pertenencia y estrategias de permanencia en el ámbito científico, el texto destaca cómo las estructuras institucionales de la universidad participan en la producción de precariedades y asimetrías en la formación científica de las mujeres. El estudio contribuye así a ampliar los debates sobre género y educación, al exigir por una universidad más plural, sensible a las diferencias, comprometida con la garantía de los derechos y con la valoración de las trayectorias de las mujeres en la ciencia.

Palabras clave: Feminismo. Investigación (auto)biográfica. Interseccionalidad. Epistemología.

INTRODUÇÃO

“Meu corpo não é meu corpo,
é ilusão de outro ser.
[...]
tornou-se meu carcereiro,
me sabe mais que me sei.”
(Carlos Drummond de Andrade)

Esta epígrafe remete à sensação de estrangeirismo inerente ao meu corpo, quando adentrei à universidade, inicialmente na posição de licencianda, e posteriormente de professora e pesquisadora. Esse corpo precisou se adequar à ritmos, códigos e expectativas que regulam a vida acadêmica, e foi, aos poucos, sendo aprisionado, sob a pressão de performar neutralidade e disponibilidade permanente em meio a uma cultura universitária eurocêntrica, regulada por um sistema produtivista de produção de conhecimento.

Esse desconforto não se restringe a um sentimento individual e pode ser compreendido como expressão de estruturas históricas e sociais que organizam a presença

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIÉDADA DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



 **8 a 10 de abril de 2026**
Evento híbrido



dos corpos no espaço universitário, pois é sabido que a Universidade moderna se constituiu como espaço de consagração de um sujeito universal, cujas experiências foram apreendidas como parâmetro de neutralidade e universalidade na produção do conhecimento. Nesse contexto, corpos que escapam a esse modelo tendem a ser percebidos como presenças deslocadas e precisam reiteradamente provar legitimidade e pertencimento.

Essa dinâmica pode ser problematizada à luz das reflexões de Oyěwùmí (2021), que demarca o modo como a modernidade ocidental articulou corpo, anatomia e hierarquia social. Nesse sentido, a colonialidade instituiu uma lógica que converteu diferenças corporais em fundamentos de organização social, estruturando uma oposição binária e hierárquica entre homens e mulheres e vinculando determinadas corporalidades a posições de menor poder e visibilidade. Desse modo, o corpo recebe a inscrição de marcadores sociais de diferentes ordens, que organizam expectativas, reconhecimento e lugares de fala.

É sob esses pressupostos que emerge a questão orientadora deste ensaio: ‘de que modo os marcadores sociais inscritos no corpo, tais como gênero, classe, regionalidade e maternidade, permeiam o processo de tornar-se pesquisadora no contexto da universidade contemporânea?’ A partir dessa problematização, o objetivo do trabalho consiste em refletir sobre os modos pelos quais tais marcadores sociais têm permeado a constituição de minha identidade docente-pesquisadora.

Para sustentar essa análise, recorro à interseccionalidade como ferramenta analítica, compreendida como uma perspectiva que considera a inter-relação entre as categorias raça, gênero, orientação sexual, nacionalidade, dentre outras (Collins, Bilge, 2021) e que possibilitará a análise do(s) modo(s) como diferentes sistemas de poder e desigualdades se articulam a constituição de minha trajetória acadêmica.

Do ponto de vista metodológico, o texto constitui-se como um ensaio teórico-reflexivo que mobiliza a escrita (auto)biográfica como estratégia de investigação. Tal escolha ancora-se na compreensão de que as narrativas de si constituem um modo de

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 [gesepe.ufma](https://www.instagram.com/gesepe.ufma)

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



problematizar epistemologicamente as metodologias tradicionais que, ao privilegiarem modelos supostamente objetivos e universais, tendem a silenciar as temporalidades da experiência e as dimensões subjetivas implicadas na constituição dos sujeitos (Matos-de-Souza, 2022).

Para a tecitura do texto, inicialmente desenvolvo uma breve discussão teórica acerca das relações entre corpo, poder e produção do conhecimento. Na sequência, apresento seis notas (auto)biográficas de minha trajetória em pesquisa, inscritas a partir do entrelaçamento entre experiência e estrutura social. Por fim, nas considerações finais, são retomados os principais argumentos do texto, mediante a discussão das implicações dessas experiências para a compreensão das desigualdades que atravessam a constituição de trajetórias acadêmicas femininas.

CORPO, PODER E PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO: DISPUTAS EPISTEMOLÓGICAS

A Universidade moderna se constituiu como espaço institucional de consolidação de regimes de verdade que incidem de modo regulador sobre os corpos, sobretudo os corpos periféricos, que se encontram à margem desse sistema de poder. Desse modo, além de lócus de produção e legitimação de conhecimento, a Universidade opera como instância de classificação social e epistêmica, a partir de estruturas coloniais de poder e de saber, conceitos amplamente debatidos a partir da proposição de Quijano (2005).

As epistemologias feministas auxiliam a questionar esse modelo de produção de conhecimento, historicamente ancorado na ideia de sujeito universal. Dentre as contribuições, pode ser citada a noção de saberes localizados, proposta por Haraway (2009), que parte da compreensão de que todo conhecimento é produzido a partir de lugares específicos. Para a autora, não existe olhar neutro ou desincorporado: todo ato de conhecer agrega aspectos das condições históricas, sociais e corporais de quem produz o conhecimento. Assim, reconhecer a localização do sujeito que conhece constitui exercício de rigor epistemológico que torna visíveis as condições de produção do saber.

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 [gesepe.ufma](https://www.instagram.com/gesepe.ufma)

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



A abordagem (auto)biográfica também tensiona o modelo de ciência universal e abstrato consolidado pela ciência moderna, que historicamente privilegiou o sujeito epistêmico e relegou a segundo plano o sujeito empírico, situado em suas experiências e contextos de vida. Para Passeggi (2016), as narrativas da experiência permitem religar conhecimento (sujeito epistêmico) e autoconhecimento (sujeito biográfico) ao reconhecer que a produção de saber também se constitui a partir da reflexão sobre trajetórias e práticas vividas. Nessa perspectiva, a pesquisa (auto)biográfica desloca o foco de uma epistemologia universalizante para uma compreensão situada do conhecimento, na qual memória, experiência e reflexividade autobiográfica passam a ser reconhecidas como dimensões legítimas na produção científica em educação.

De modo complementar, a perspectiva interseccional contribui para a análise das diferentes categorias, a exemplo de gênero, raça, classe e territorialidade, moldadas mutuamente na constituição das experiências sociais (Collins; Bilge, 2021). A interseccionalidade, como ferramenta analítica, corrobora com a construção de uma compreensão mais ampla sobre os múltiplos aspectos intrínsecos à constituição das trajetórias acadêmicas, sobretudo os marcadores sociais que atravessam os corpos e as experiências dos sujeitos. Nesse sentido, gênero, classe, maternidade e posição geográfica não operam de modo independente, mas como eixos integrados que incidem sobre as condições de acesso, permanência e reconhecimento no interior da Universidade.

É a partir desses pressupostos teóricos que se estrutura o presente ensaio, pois compreender o corpo como espaço de inscrição de relações de poder e lugar a partir do qual os saberes são produzidos, contribui para a apreensão das trajetórias acadêmicas como experiências interseccionadas por estruturas sociais, históricas e institucionais mais amplas. Nesse ínterim, a escrita (auto)biográfica configura-se como estratégia metodológica e analítica que permite evidenciar de que modo experiências singulares se articulam aos regimes de saber-poder que organizam e regulam o campo científico contemporâneo.

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIÉDADA DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



NOTAS AUTOBIOGRÁFICAS – O CAMINHO PARA TORNAR-SE PESQUISADORA

Ao apresentar as notas autobiográficas que seguem, não busco organizar uma narrativa linear de superação, mas evidenciar as tensões, rupturas e (des)continuidades que marcaram minha formação científica. Cada uma dessas notas – ingresso na universidade, aproximação com a pesquisa, interrupções impostas pelas condições materiais, retorno aos estudos, docência no ensino superior, maternidade e doutorado - representa um momento de inflexão e o conjunto delas constitui uma experiência interseccionada pelos marcadores de gênero, classe, maternidade e/ou regionalidade.

NOTA 1 - Origem: o corpo improvável adentra os muros da Universidade

Sou nordestina, cearense, filha de agricultor, oriunda da zona rural. Minha história começa em uma casa simples, onde o trabalho com a terra organizava o tempo da vida e o estudo não era um caminho dado, mas o único caminho para modificar aquela realidade. Fui, também, estudante de escola pública em um contexto no qual a universidade era uma palavra distante, quase estrangeira, para meninas como eu.

Ingressar na Licenciatura em Química, em 2005, não foi apenas uma conquista individual, mas uma ruptura simbólica com destinos socialmente prescritos a corpos femininos, pobres e interioranos. Em síntese, atravessar os portões da universidade significou ocupar um espaço historicamente negado, visto que esse lócus de produção de conhecimento, em diálogo com Oyěwùmí (2021), reproduz a natureza generificada e, portanto, corporificada e androcêntrica das instituições e discursos ocidentais.

Esse ingresso significou, também, a necessidade de lidar com o peso do não pertencimento. Meu sotaque, minhas referências culturais e minha trajetória escolar pública marcavam meu corpo como deslocado e me forçaram às tentativas de adequação, sobretudo porque me inseri em um curso de Licenciatura em Química, tradicionalmente

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



situado no campo das chamadas ‘ciências duras’ e cuja presença masculina era maioria. Hoje compreendo que aquele ingresso foi também um de meus primeiros gestos políticos: insistir em existir em um espaço onde não se esperava que eu estivesse presente.

À época, eu ainda não dispunha de ferramentas conceituais para compreender criticamente essa experiência. Hoje, contudo, reconheço que tais tensões derivavam de assimetrias estruturais inscritas na estrutura de funcionamento da Universidade. Assim, o que inicialmente se apresentava como uma experiência subjetiva de deslocamento revelase, retrospectivamente, como expressão de uma estrutura social que regula quem é esperado e quem permanece improvável no interior desse espaço de poder.

NOTA 2 – A iniciação científica: o despertar para a pesquisa

Foi ainda na graduação que a pesquisa me encontrou. Como bolsista de Iniciação Científica na área de Ensino de Química, investigando os processos de ensino e aprendizagem nas escolas de Educação Básica, pude, pela primeira vez, experimentar a produção de conhecimento como prática viva.

Ali, entre visitas às escolas, leituras teóricas e escrita de relatórios, um mundo de possibilidades se abriu, pois comecei a formular perguntas, problematizar realidades e produzir sentidos sobre o cotidiano escolar que eu havia vivenciado na posição de discente. Ao mesmo tempo em que fui me socializando com os códigos do campo científico, a partir de seus rituais, linguagens e estratégias de legitimação, também comecei a perceber que esse campo se organiza a partir de normas e hierarquias que definem quais temas, sujeitos e experiências são considerados legítimos como objeto de investigação.

Fui, então, absorvendo essas normas, métodos e técnicas e me imbuindo de uma perspectiva positivista e tecnicista de produzir ciência, sob o crivo da objetividade e da neutralidade. Nesse processo de socialização científica, aprendi que pesquisar implicava o distanciamento do objeto de estudo, o controle de interferências subjetivas e a tecitura

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIÉDADA DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



de um texto que apagasse a presença do sujeito que investiga, fundamentado no pressuposto de que a legitimidade da pesquisa residia na capacidade de ocultar as marcas sociais e biográficas de quem produz o saber.

Nesse momento inicial, aquilo que constituía minha própria trajetória – a origem rural, a experiência como estudante da escola pública e a condição de mulher nordestina – não aparecia como elemento relevante para a investigação científica. Pelo contrário, tais dimensões foram silenciosamente deslocadas para fora do processo de produção científica, visto que o rigor estava atrelado à supressão de minha existência.

NOTA 3 – Entre o sonho e a sobrevivência: classe e limites materiais

Foi ainda na graduação, a partir da experiência como bolsista de Iniciação Científica, que tomei uma decisão: eu queria vivenciar mais experiências em pesquisa. Meu objetivo consistia não apenas em ensinar, mas investigar o ensino, não apenas reproduzir saberes, mas questioná-los e contribuir em sua produção. Mas o desejo não se realiza no vazio e as condições objetivas impuseram limites concretos. Como cursar um mestrado residindo no interior? Como mudar para a capital sem recursos financeiros, redes de apoio, influências ou indicações?

Eis aqui um dos momentos em que o processo de me tornar pesquisadora é atravessado por tensões diretas entre projeto individual e estrutura social. O sonho de seguir a carreira científica precisou, então, negociar com as exigências da sobrevivência, evidenciando que o acesso e a permanência na pesquisa não dependem apenas do desejo de conhecer, mas também das condições sociais que tornam esse desejo possível.

A referida situação evidencia a centralidade da dimensão de classe na organização das trajetórias acadêmicas. E ilustra a compreensão de que as desigualdades educacionais não operam de modo isolado, mas por meio da articulação entre múltiplos marcadores sociais, que não são apenas somados, mas se constituem mutuamente, produzindo sistemas específicos de privilégio e de exclusão (Collins; Bilge, 2021).

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026

Evento híbrido



No meu caso, o fato de ser mulher, oriunda da zona rural do interior do Ceará e pertencente a uma família trabalhadora implicou enfrentar limites financeiros e barreiras simbólicas relacionadas às expectativas socialmente atribuídas ao meu corpo e origem social. O acesso à pós-graduação, concentrado, em sua maioria, nos grandes centros urbanos, constituiu-se, desse modo, a partir do deslocamento e da necessidade de romper com condições materiais e expectativas sociais e familiares.

Em meio a esse dilema, as condições objetivas de vida e trabalho tiveram um peso maior e me obrigaram a adiar o sonho. Priorizei a estabilidade. Estudei para concurso público e tornei-me professora da Educação Básica. Era preciso garantir o sustento, ajudar a família, afirmar alguma segurança em meio às incertezas. Esse intervalo constituiu-se como desvio, mas também foi uma experiência formativa intensa, visto que apreendi a escola por dentro, agora na posição de professora. Ali vivenciei suas precariedades e amadureci perguntas que mais tarde se tornariam questões de pesquisa.

NOTA 4 – O mestrado: deslocamento e redoma teórica

Pude vivenciar o mestrado somente após o estágio probatório, no ano de 2014. Esse ingresso representou a continuidade de minha formação acadêmica, mas também um deslocamento geográfico, social e cultural, pois precisei migrar para a capital do estado do Ceará, Fortaleza, atravessando 300 Km de estrada e fronteiras simbólicas entre modos distintos de viver, falar e compreender o mundo.

Se, até então, minha trajetória havia sido construída em contextos marcados pelo vínculo comunitário inerente à vida rural e interiorana, a experiência na capital me inseriu em uma dinâmica urbana e acadêmica avessa a essa perspectiva. A Universidade revelou-se um espaço de circulação de repertórios culturais diversos, linguagens acadêmicas mais sofisticadas e modos específicos de sociabilidade intelectual, o que implicou um processo simultâneo de adaptação e aprendizagem, no qual fui apresentada a novos referenciais teóricos e modos distintos de habitar o espaço universitário.

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



Esse rito de passagem pode ser compreendido à luz da formulação de Van Gennep (2008), para quem tais rituais simbolizam processos de transformação que marcam a transição de um estado social a outro. Sob essa perspectiva, o sujeito é imerso em momentos de ruptura, deslocamento e reconfiguração identitária, deixando de ocupar a posição anterior para projetar-se em outra ainda em constituição. Assim, o ingresso na Pós-graduação não representou apenas uma mudança institucional, mas um processo de passagem no qual meu corpo e minha trajetória passaram a negociar novos lugares de pertencimento e reconhecimento no interior de um campo acadêmico historicamente marcado por hierarquias sociais, de gênero e de saber.

Do ponto de vista formativo, o mestrado constituiu-se como um período de intensa imersão intelectual. Foi nesse momento que passei a aprofundar o contato com os fundamentos teóricos da Educação e com debates mais sistemáticos sobre conhecimento, escola e sociedade. Ao apropriar-me de referenciais críticos, comecei a compreender que fazer pesquisa não significava apenas investigar problemas empíricos, mas também posicionar-se epistemologicamente diante do mundo e das relações de poder que atravessam a produção do conhecimento.

Considero ter sido nesse período que minha identidade como pesquisadora começou a ganhar uma forma mais consciente, haja vista que o desejo de investigar passou a constituir-se por meio de um projeto intelectual, sustentado por referenciais teóricos, escolhas metodológicas e um posicionamento crítico diante da educação e da Universidade.

Ao mesmo tempo em que ampliou meus horizontes teóricos, essa experiência também evidenciou as tensões inerentes ao espaço acadêmico, marcado por disputas de legitimidade, hierarquias de saber e desigualdades de acesso às oportunidades de formação e produção científica. É aqui que a Universidade começa a ser compreendida, por mim, como um campo atravessado por relações de poder. Essa percepção, inicialmente vivida de modo difuso no cotidiano acadêmico, passou a ser progressivamente elaborada à luz das leituras e discussões realizadas ao longo dessa

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



formação, permitindo que eu compreendesse minha própria trajetória como experiência imbricada em estruturas sociais complexas, que atravessam e condicionam os caminhos possíveis no mundo acadêmico.

NOTA 5 – Tornar-se professora universitária: deslocamentos e disputas epistemológicas

Logo após a conclusão do mestrado, ingressei como professora do ensino superior em um curso de licenciatura em Química. A docência universitária representou novos deslocamentos, identitários, geográficos e de responsabilidades, pois passei a atuar na formação de jovens professores, que, assim como eu outrora, buscavam na Universidade a possibilidade de reescrever suas trajetórias.

Esta etapa implicou novos movimentos de travessia: geográfico, pois reorganizei minha vida em outra cidade e em um novo contexto institucional; e simbólico, pois passei da posição de pesquisadora em formação para a condição de professora universitária iniciante. Assim, os primeiros anos foram marcados por um intenso processo de aprendizagem sobre o ofício docente no ensino superior, acompanhados pelo entusiasmo, inseguranças e desafios próprios de quem tenta se inserir em um campo já estruturado por normas, expectativas e hierarquias acadêmicas.

De modo singular, tive contato com as hierarquias epistemológicas que atravessam o próprio campo da Química, pois, inserida na área de Educação Química, percebi que esse campo de investigação ocupa uma posição de menor prestígio dentro de um curso historicamente orientado pelas ‘ciências duras’. Nesse contexto, as discussões sobre ensino e formação de professores nem sempre eram reconhecidas como produção científica digna de ocupar o mesmo patamar das pesquisas laboratoriais ou experimentais.

Essa assimetria que pode ser compreendida à luz da crítica elaborada por Santos (2009) à monocultura do conhecimento científico, instituída pela ciência moderna, na qual determinados modos de produzir saber, associados à experimentação, à mensuração e à objetividade, são elevados à condição de paradigma universal de cientificidade,

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIÉDADA DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



enquanto outras formas de conhecimento, inclusive aquelas voltadas à compreensão de processos educativos e sociais, tendem a ser marginalizadas ou subalternizadas.

Soma-se a isso o fato de eu estar inserida em um colegiado predominantemente masculino, no qual as posições de maior reconhecimento acadêmico e institucional eram (e permanecem), em sua maioria, ocupadas por homens. Nesses espaços, fui gradualmente percebendo que a legitimação do conhecimento e da voz docente não se efetivam apenas pela competência técnica ou titulação acadêmica, mas também por marcadores sociais como gênero, área de atuação e trajetórias institucionais. Assim, tornar-me professora universitária significou aprender a habitar um espaço historicamente marcado por desigualdades e disputas simbólicas, no qual é necessário afirmar, cotidianamente, a relevância do ensino, da formação docente e da pesquisa em Educação Química.

NOTA 6 – Doutorado: o (re)encontro consigo, a pandemia e a maternidade

O doutorado foi, antes de tudo, um (re)encontro comigo. Diferente do mestrado, que me ofereceu bases, o doutorado me instigou à revisitação de minha própria história como objeto e método de investigação. Foi nesse percurso que a pesquisa (auto)biográfica se apresentou como abordagem teórica e possibilidade de dizer-me e (re)fazer-me na e pela escrita.

O sentido de pesquisa foi reconfigurado, tornou-se mais humano, menos orientado pela lógica da produtividade e mais comprometido com a compreensão das experiências de vida dos sujeitos. Aos poucos, fui compreendendo que reconhecer o percurso do pesquisador constitui um espaço legítimo inerente ao processo de construção de conhecimento. A escrita passou, então, a operar como exercício de reflexão e elaboração da experiência, e permitiu que as fronteiras entre vida e pesquisa se tornassem menos rígidas.

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 [gesepe.ufma](https://www.instagram.com/gesepe.ufma)

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



Esse movimento coincidiu com um período turbulento da história recente: a pandemia de COVID-19. Em meio às incertezas sanitárias, às atividades acadêmicas mediadas por telas e ao isolamento social, também vivi a experiência da maternidade. O doutorado passou, assim, a ser imbuído por múltiplos marcadores temporais: o tempo da pesquisa, o tempo do trabalho, o tempo da casa e o tempo do cuidado. Conciliar leituras, escrita acadêmica e a criação de uma criança pequena revelou, de maneira concreta, as tensões entre o modelo de dedicação integral pressuposto pela Universidade e as responsabilidades historicamente atribuídas às mulheres no âmbito do cuidado.

Nesse contexto, a maternidade revelou-se como uma experiência profundamente política, pois evidenciou os limites de uma instituição acadêmica que ainda se organiza a partir do ideal de pesquisador desincorporado e permanentemente disponível para o trabalho intelectual. Foi nesse período que passei a compreender com maior nitidez o que Collins e Bilge (2021) denominam de interseccionalidade, pois até então eu não havia me percebido atravessada por tantos marcadores sociais de modo tão intenso. A experiência da maternidade, em particular, colocou-me diante da dimensão concreta da vulnerabilidade e materialidade do meu próprio corpo.

A guisa de síntese, se o mestrado me ensinou a habitar a Universidade, o doutorado me permitiu interrogá-la a partir de mim. A pesquisa (auto)biográfica tornou-se, nesse percurso, um gesto de desobediência epistemológica (Matos-de-Souza, 2022) e me permitiu reconhecer que as trajetórias individuais carregam, em suas marcas mais íntimas, as inscrições das estruturas sociais que organizam a produção do conhecimento. Nesse sentido, a escrita de si passou a significar, simultaneamente, escrever sobre as condições históricas e institucionais que tornam certos corpos mais prováveis e outros mais improváveis no interior da Universidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



Na qualidade de licenciada, professora universitária e pesquisadora, mas também de mãe, esposa, nordestina, oriunda da zona rural e ex-aluna de escola pública, durante muito tempo senti que meu corpo ‘não era meu corpo’. Parecia necessário ajustá-lo: suavizar o sotaque, conter gestos, acelerar o ritmo, ocultar cansaços. Mais tarde, na maternidade, esse mesmo corpo tornou-se simultaneamente potência e culpa, e, como no poema de Drummond, ele parecia saber mais de mim do que eu mesma.

Ao inscrever o meu corpo neste ensaio (auto)biográfico, tive a pretensão de evidenciar que o tornar-se pesquisadora trata-se de um processo profundamente atravessado por estruturas sociais que organizam quem pode ocupar, com maior ou menor legitimidade, os espaços de produção do conhecimento. As experiências narradas revelaram, nesse contexto, que as trajetórias acadêmicas são marcadas por negociações constantes entre desejos individuais e condições históricas de possibilidade. E, permitiram visualizar os modos como alguns marcadores interseccionais se entrelaçam na produção das experiências acadêmicas, frequentemente invisibilizadas por narrativas meritocráticas que sustentam a ideia de neutralidade institucional.

Em síntese, ao tornar visível um corpo feminino, nordestino, interiorano e materno, na escrita acadêmica, este ensaio se propõe a tensionar os modos pelos quais a universidade continua a produzir hierarquias, silenciamentos e fronteiras simbólicas. Mais do que uma narrativa individual, trata-se de afirmar que as histórias de mulheres na ciência constituem um campo legítimo de produção de conhecimento e que escutá-las é condição fundamental para compreender e transformar as estruturas que ainda organizam a vida acadêmica.

REFERÊNCIAS

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2021.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 5, p. 7-41, 2009.

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



Disponível em:
<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773> Acesso em:
28 fev. 2026.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 5, p. 7–41, 2009. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>. Acesso em: 6 mar. 2026.

MATOS-DE-SOUZA, Rodrigo. Olvidar Larrosa. Orientaciones posoccidentales para leer la modernidad. **Praxis Pedagógica**, [S. l.], v. 24, n. 37, p. 49–71, 2024. Disponível em: <https://revistas.uniminuto.edu/index.php/praxis/article/view/3891>. Acesso em: 13 mar. 2026.

OYĚWŪMÍ, Oyèrónkẹ **A invenção das mulheres**: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. Tradução Wanderson Flor do Nascimento. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Narrativas da experiência na pesquisa-formação: do sujeito epistêmico ao sujeito biográfico. **Roteiro**, [S. l.], v. 41, n. 1, p. 67–86, 2016. Disponível em: <https://periodicos.unoesc.edu.br/roteiro/article/view/9267>. Acesso em: 4 mar. 2026.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Orgs.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Almedina, 2009, p. 23-72.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais**. Perspectivas latino-americanas. LANDER, Edgardo (org). Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. 2005, p.227-278.

VAN GENNEP, Arnold. **Los ritos de paso**. Madrid: Alianza Editorial, 2008.